



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA – PIBIC

VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES ENVELHECIDAS E RELAÇÕES
SOCIAIS DE GÊNERO EM CRAS DE ARACAJU

Serviço Social da Educação
Violência e Relações de Gênero

Relatório Final

Período da bolsa: 01 agosto de 2019 a 31 de julho de 2020

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PIBIC/CNPq

Sumário

1. INTRODUÇÃO	3
2.OBJETIVOS	7
3.METODOLOGIA	9
4.RESULTADOS E DISCUSSÕES	11
4.1.A VIOLÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES ENVELHECIDAS	13
Tabela 1- Principais tipos de violência relatada:	15
5.CONCLUSÃO	19
6.PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS	21
7.REFERÊNCIAS	22
8.OUTRAS ATIVIDADES	26
9.APÊNDICES	27
9.1.Fotos dos Encontros	27
9.2.Roteiro Utilizado	30

1. INTRODUÇÃO

Diversos países do mundo, incluindo o Brasil, tem se defrontado com uma nova perspectiva populacional: o envelhecimento. O envelhecimento da população mundial é um fenômeno recente, uma população é considerada envelhecida quando a proporção de pessoas com 60 anos ou mais atinge 7% da população total e ainda assim, apresenta tendências para o seu crescimento. Segundo a Organização das Nações Unidas (2002), o número de pessoas com idade acima de 60 anos irá triplicar em 50 anos, totalizando cerca de 2 bilhões de idosos.

O Brasil está passando por uma inversão em sua pirâmide etária, possuía 28 milhões de idosos no ano de 2016, cerca de 13,5% do total da população. Segundo o PNAD (2016) entre 2012 e 2016 a população idosa cresceu 16% chegando a 29,6 milhões de pessoas. A população de 65 anos ou mais cresceu 26% entre 2012 e 2018, enquanto a população de 13 anos recuou 6%, segundo dados da Secretaria Especial do Desenvolvimento Social (SEDS, 2018). A população idosa brasileira deverá duplicar até o ano de 2042, na comparação com os números de 2017, projetando-se para alcançar 232,5 milhões de habitantes com 57 milhões de idosos (24,5%). Juntamente com o envelhecimento da população o país experimenta, também, o aumento da expectativa de vida. Para Debert e Simões (2006), dentre os fatores que influenciaram no aumento da expectativa de vida dos últimos anos, estão a diminuição da fecundidade nas últimas décadas, a redução da mortalidade infantil, melhorias no saneamento básico, controle de doenças, dentre outros.

Se por um lado o envelhecimento populacional e a longevidade são grandes vitórias em termos sociais e científicos, por outro acarretam desafios em termos econômicos, sociais e culturais. Essa nova dinâmica vem exigindo, *não só o debate*, mas atenção especial, ações efetivas do poder público e da sociedade para aqueles que estão envelhecendo, considerando o atendimento às novas demandas decorrentes das alterações fisiológicas, psicológicas, cognitivas e sociais evidenciadas nessa fase da vida, além das violências recorrentes que lhes tem atingido nos espaços sociais e intrafamiliares. Alguns fatores ligados a essas mudanças estão diretamente atreladas às famílias, através de alterações nos seus papéis sociais, redução nos números de filhos, migração rural-urbana, que modificam as funções tradicionais da família como educadora de crianças e de cuidadora dos mais velho.

As novas imagens do envelhecimento são, sem dúvida, expressão de um contexto marcado por mudanças culturais que redefinem o modo de construção das identidades.

Seria ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. Anthony Giddens (1992), reflete que é próprio da experiência contemporânea que a definição do eu, de quem sou e a adoção de estilos de vida se faça em meio a uma profusão de recursos, como vários tipos de terapias, manuais de autoajuda, programas de televisão e artigos em revistas. A boa aparência, o bom relacionamento sexual e afetivo deixa de depender de qualidades fixas que as pessoas podem possuir ou não, e se transformam em algo que deve ser conquistado a partir de um esforço pessoal. Entretanto, ao projeto reflexivo do eu – que Giddens considera estaria em compasso com uma sociedade mais democrática – devem ser associadas as novas concepções do corpo e as formas como elas recodificam a velhice.

Parafraseando Bourdieu, assim como a juventude, a velhice é apenas uma palavra. As divisões entre as idades são arbitrárias, logo, juventude e velhice não seriam apenas dados, mas construções sociais originárias da luta entre os jovens e os velhos (BOURDIEU, 1983). Assim sendo, as diferenças entre homens e mulheres são também construídas histórica e socialmente, percebidas especialmente nas relações de poder estabelecidas entre si. Essas divisões buscam impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em seu lugar, em lugares impostos são onde a diferença se converte em desigualdade (BRITTO DA MOTTA, 2010). Beauvoir diz que enquanto o homem “envelhece de maneira contínua”, a mulher, na maturidade, é “bruscamente despojada de sua feminilidade”. Assim, a autora reconhece que “a história da mulher – pelo fato desta se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea – depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico” (BEAUVOIR, 1980).

As mulheres são mais numerosas dentre a população de idosos em todo o mundo e no Brasil, constituindo um processo conhecido como feminização da velhice, um processo ligado ao modo como a sociedade lida com o fenômeno do envelhecimento, aos papéis socialmente postos a homens e mulheres no decorrer da história humana, oferecendo elementos teóricos para se compreender como homens e mulheres se relacionam uns com os outros e consequentemente vivenciam a velhice.

A compressão de que a velhice é algo heterogêneo, deve levar em consideração a classe social, o gênero e a etnia da pessoa idosa. Dependendo da classe social ou dos arranjos familiares onde se insere, ser idosa pode representar viver em condição de abandono material (mesmo quando aposentadas), serem exploradas como auxiliares domésticas dos filhos e também a solidão afetiva, (devido ao maior número de viúvas, divorciadas ou solteiras com filhos, ou até mesmo quando casadas, pois muitas vezes as

trajetórias dos gêneros não foram construídas para convergir em companheirismo) (BRITTO DA MOTTA, 1999). As mulheres vivem mais que os homens em quase todas as partes do mundo, mas sob uma perspectiva diferenciada, percebe-se que viver mais não é sinônimo de viver melhor, as mulheres acumulam no decorrer de toda a sua vida desvantagens em relação aos homens, podemos citar processos de violência doméstica, discriminação, salários inferiores, dupla jornada de trabalho, solidão, viuvez, além de apresentarem maior chance de viverem na pobreza.

A Organização das Nações Unidas (ONU, 2002) revela que a diferença salarial entre homens e mulheres chega a 23%. É frequente, também, encontrar mulheres idosas sustentando a família dos filhos adultos, sendo a única renda da casa oriunda da sua aposentadoria. Mesmo na situação de ser a única provedora material, esse fator não traz consigo um lugar de poder e decisão na família, que muitas vezes é exercido pelos filhos em “idade produtiva” que continuam como dependentes (CAMARANO, 2003).

O envelhecimento populacional se expressa de diversas formas, acarretando consequências no mercado de trabalho, saúde, família, habitação e etc. “Estes aspectos são intensificados em uma sociedade capitalista, que os exclui do mercado de trabalho e cujas famílias afetadas pelas expressões da questão social os renegam a segundo plano, no seu interior e no restante da sociedade.” (CASTRO, 2011, p.13). A pessoa idosa frequentemente se encontra destituída de proteção tornando-se vulnerável a violência praticada pelos vários segmentos da sociedade com sérias consequências na vida dos idosos, tanto para sua saúde física e mental, como para o seu convívio social. Particularmente as mulheres acumulam várias desvantagens no decorrer da sua vida, como discriminação e desigualdade estrutural, tornando-as as vítimas preferências em razão da histórica marginalização no qual este gênero está submetido (CASTRO, 2011).

É exclusivamente neste contexto que se pode falar de mulheres na produção da violência de gênero como um fenômeno que pode ser identificado nas formas de opressão e dominação relacionadas aos elevados índices de episódios de violência praticados contra as mulheres, particularmente a violência doméstica, que não se restringe a qualquer caráter, seja pela classe social, raça/etnia, grau de escolaridade, religião, *faixa etária* e orientação sexual. Tal processo frequentemente contribui para que as mulheres idosas nesta situação se sintam discriminadas e violadas nos seus direitos humanos fundamentais. As relações gênero e classe e geração, são dimensões fundamentais da vida social, estruturam as expectativas, conformam a ação social, são mutuamente articuladas e especialmente importantes na análise e explicação das diferentes trajetórias de vida

percorridas socialmente por homens e mulheres. Conforme Britto da Motta (1999), essas dimensões realizam-se no cotidiano e na História e podem ser também definidas como categorias relacionais ou da experiência. Expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alternam, as situações sociais desestruturam-se e reconstróem-se em outros moldes. Do ponto de vista de cada indivíduo ou grupo, isto significa a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades ou de identidades correspondentes. A concepção de velhice, extrapola o aspecto meramente biológico e reflete também aspectos socioculturais.

Como nos ensina Joan Scott,

Não são os indivíduos que tem experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência de acordo com essa definição, torna-se não a origem da nossa evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento (SCOTT, 1999, p.27). A subjetividade é construída por meio das relações sociais. Sujeito e objeto experimentam dois movimentos: o da fusão e o da autonomia. O sujeito é constituído e gênero, classe, raça/etnia: é, portanto, múltiplo. Nega-se a existência do *não sujeito* em qualquer hipótese (SAFFIOTI, 1997, p. 5).

Vem se tentando trabalhar na teoria, na pesquisa e na própria militância feminista a importância da articulação da categoria gênero com algumas outras dimensões básicas das relações sociais, mas, em sua maioria, os estudos se limitam apenas à raça/etnia e à classe social, por vezes, à orientação sexual. Isso não é suficiente, ignora-se outras intersecções analíticas importantes, como a existente entre gênero e idade/geração (BRITTO DA MOTTA, 2010). Em outras palavras, adverte-se que existe um silenciamento frequente do feminismo quanto à questão geracional, as análises passam ao largo das mulheres idosas. Nesta pesquisa adotou-se a referência de pessoas envelhecidas, tal como regulamentada na lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, que dispõe do Estatuto do Idoso, neste considera-se idoso pessoas a partir de 60 anos. Ilustra-se essa dinâmica com resultados de estudos e pesquisas realizados em Aracaju capital de Sergipe com a continuidade da pesquisa: “Expressões de Violência de Gênero: relatos orais de idosos/as em Aracaju” (2018-2019) visando ampliar a compreensão e avaliação de políticas e programas relacionados ao atendimento de pessoas idosas nos Centro de Referência da Assistência Social (CRAS).

2. OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa é tornar visível as logicas e motivações presentes na violência de gênero, seja ela intrafamiliar, institucional ou patrimonial, praticadas contra pessoas idosas, destacando particularmente as experiências de mulheres, priorizando-se idosos inseridos nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de Aracaju/SE. Os objetivos específicos detalham o objetivo geral que se referem:

- Mapear os índices sobre a violência praticada contra mulheres idosas de doze Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) do município de Aracaju/SE.
- Observar e analisar episódios de violência de gênero vivenciado por mulheres idosas.
- Problematicar os estereótipos em torno da associação entre velhice e violência, condicionado culturalmente no cotidiano das mulheres idosas.
- Tornar visível as representações de idosos sobre episódios de violência forjados na hostilidade e insegurança do cotidiano.

Compreende-se que entre as várias dificuldades que o idoso pode vir a enfrentar no processo de envelhecimento a violência ainda continua sendo o processo de maior preocupação. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) a violência contra o idoso pode ser considerada como um ato único ou repetido ou até mesmo a omissão, podendo ser intencional ou involuntária, algo que lhe cause danos, sofrimento ou angústia. Neste sentido, a sociedade brasileira e sergipana precisa se preparar com políticas públicas para receber essa população idosa em um futuro cada vez mais próximo.

A sociedade brasileira caracteriza-se por um alto índice de violência familiar, de acordo com Saffioti (1994; 2001), recai sempre sobre as mesmas vítimas – mulheres, crianças ou velhos – o que deve ser considerado a fim de que se possa compreender a sua rotinização. Conforme Silveira (2013) a vulnerabilidade que a mulher experimenta durante toda a sua vida, parece se potencializar na velhice, a maior expressão é a violência doméstica. Tem o seu maior significado no machismo naturalizado historicamente pela relação entre homens e mulheres em um modelo de sociedade patriarcal. O estereótipo de gênero acaba legitimando essa forma de poder, da dominação masculina, naturalizando diferenças socialmente construídas, ou seja, o termo gênero refere-se a uma construção inteiramente social de ideias sobre papéis adequados a homens e mulheres.

As mulheres de idade avançada enfrentam muitos desafios gerados por uma sociedade sexista e gerofóbica, “[..] as crenças sexistas e gerofóbicas refletem a ênfase da sociedade na produtividade, no atrativo sexual e físico.” (SALGADO, 2002, p. 9). Ainda

conforme a autora gerofobia é o termo que se usa para descrever os preconceitos e estereótipos, em relação às pessoas idosas, fundados unicamente em sua idade (SALGADO, 2002 apud BUTLER; LEWIS; SUDERLAND, 1991).

A sociedade atual perpetua o preconceito sob mulheres idosas, universalmente são vistas de forma negativa, é uma maioria na qual os seus direitos fundamentais permanecem invisíveis e suas necessidades emocionais, econômicas e físicas em grande parte são negligenciados. Essa posição acaba colocando as mulheres idosas em uma situação de constante vulnerabilidade, os aspectos que colaboram com isto é o nível de escolaridade, tendo normalmente menos anos completos de estudo em relação aos homens, conseqüentemente possuem menor qualificação profissional e acabam ganhando salários inferiores, devemos levar em consideração o fato de que as idosas nasceram e cresceram num período em que era difícil o acesso à educação, sobretudo para as mulheres, pois a prioridade eram os homens (SOUSA; SILVER, 2008), outro aspecto que merece destaque é o estado civil, a maioria das mulheres são viúvas, e portanto muitas são chefes de família.

Não restam dúvidas de que a sociedade atual se depara com um segmento populacional que está aumentando e que por sua vez é vulnerável, observa-se desse modo que a violência contra idosos guarda contornos próprios que devem ser analisados em suas especificidades. Segundo afirma Silveira (2013) deve-se ter como foco as construções sociais acerca da velhice e as expectativas de papéis sociais que a mulher deve desempenhar nessa etapa de vida. Silveira e Nader (2019) demonstram que a violência contra mulheres idosas apresenta similaridades com a violência que é praticada em outras etapas da vida das mulheres, pois é uma violência de gênero, mas existem especificidades que precisam ser destacadas, como as questões relacionadas à velhice e às gerações. É necessário desse modo, abordar os diferenciais de gênero, no processo de envelhecimento populacional como um fenômeno mundial, fazendo-se essencial o desenvolvimento sobre a questão, não apenas para denunciar, mas para reconhecer e identificar suas formas e propor maneiras de intervenção adequada para a proteção da vítima, no Brasil o Estatuto do Idoso já é uma realidade, mais ainda carece de implementação efetiva.

3. METODOLOGIA

Considerando os objetivos da pesquisa a opção metodológica recaiu na pesquisa qualitativa de cunho feminista no âmbito de gênero, priorizando-se temas, categorias e conceitos a partir de dados empíricos. Isto porque, o estudo das relações sociais de gênero caminha no sentido de documentar as diferenças, nos obriga a pensar as especificidades culturais e o lugar das diferenças, como objeto de reflexão no interior das disciplinas. Impõe-se a necessidade de documentar a experiência vivida como possibilidade de abrir caminhos novos. de seres humanos (reprodução social). Especificamente, a epistemologia feminista trouxe a subjetividade como forma de conhecimento, propõe uma nova relação entre teoria e prática reconhece o lugar da emoção, subjetividade e corpo no conhecimento, concebido como práxis, conscientização e empoderamento individual e coletivo. (CRUZ, 2014; DENZIN; LINCOLN, 2006).

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Federal de Sergipe¹, o trabalho de campo foi desenvolvido mediante contato preliminar com os gestores, no contexto dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) com um universo de 6.694 idosos em Aracaju. Do total dos 89 CRAS em Sergipe, 16 funcionam em Aracaju. Nesta pesquisa foram priorizados 12 CRAS, pois este projeto é uma continuação da pesquisa realizada em 2018-2019 com o título: “Expressões de Violência de Gênero: relatos orais de idosos/as em Aracaju” com o intuito de refletir sobre o fenômeno da violência de gênero que atinge principalmente mulheres envelhecidas.

Participaram da pesquisa idosos/as da Secretaria Municipal de Assistência Social, cadastrados no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), no qual reúne um número significativo de idosos. O SCFV segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) é um serviço realizado com grupos, organizado de modo a prevenir as situações de risco social, ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Os serviços de proteção social básica são executados nos Centros de Referência da Assistência Social – CRAS, o qual se constitui, para os usuários

¹ O projeto de pesquisa foi aprovado em 2019 pelo Comitê de Ética em Pesquisa, certificado por padrões exigidos pelas normas da bioética que asseguram o cumprimento dos princípios da autonomia, anonimato, não maleficência, beneficência e justiça, de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que trata da pesquisa envolvendo seres humanos.

da política de assistência social, a porta de entrada aos serviços socioassistenciais, devendo estar localizado em áreas de maior vulnerabilidade social.

Os serviços, programas, projetos e benefícios oferecidos no CRAS têm como objetivo a prevenção de situações que levem a rompimentos de vínculos familiares e comunitários. O acesso aos grupos compostos predominantemente por mulheres ocorreu nos seguintes locais e datas: (1) CRAS Dr. Carlos Fernandes de Melo (04/02); (2) CRAS Terezinha Meire (05/02); (3) CRAS Maria José (10/02); (4) CRAS Carlos Hardmam (11/02); (5) CRAS Risoleta Neves (14/02); (6) CRAS Porto Dantas (02/03); (7) CRAS Enedina Bonfim dos Santos (03/03); (8) CRAS Pedro Avera (04/03); (9) CRAS Gonçalo Rolemberg (05/03); (10) CRAS Risoleta Neves (09/03); (11) CRAS Santa Maria (09/03). O 12º CRAS seria o CRAS Madre Tereza, mas no dia da nossa visita houve um cancelamento, pois os idosos foram participar de outra atividade sem aviso prévio.

Segundo Backes (2011) o grupo focal representa uma técnica de coleta de dados, que a partir da interação grupal promove uma ampla discussão sobre um tema ou foco específico, utiliza materiais de estímulo –, comumente dinâmicas –, para fomentar e sustentar discussões em grupo, intercâmbio de saberes e experiências entre participantes iniciando-se com perguntas genéricas, aprofundadas a seguir e direcionando para o foco do estudo. As sessões foram gravadas e depois transcritas para análise, sem identificar o autor na fala, a fim de manter o anonimato do idoso que trouxe ali o seu relato entendendo que a comunicação expressa na fala dos idosos contempla suas experiências de vida e os episódios de violência na especificidade do seu cotidiano. A análise dos dados seguiu um curso indutivo, evitando-se generalizações, tendo como foco a reconstituição do mundo vivido pelas idosas, protagonistas das suas experiências subjetivas. Por se tratar de uma metodologia de cunho feminista, mostrou-se relevante a análise nas falas/depoimentos as divergências e convergências entre homens e mulheres com relação as suas experiências sobre os temas abordados.

Essa pesquisa qualitativa não desconsidera dados quantitativos utilizados na fase exploratória com diferentes fontes de informação: como revisão da literatura pertinente; estatísticas desagregadas por sexo/idade/geração do IBGE; dados de inquéritos policiais de denúncia da Delegacia de Grupos Vulneráveis (DAGV) analisando denúncias que envolve mulheres idosas. Paralelamente foram analisadas denúncias de outro canal de comunicação o Disque 100, que surgiu no ano de 2003 inicialmente com um foco no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Esses números foram analisados a partir de tabelas e gráficos. Também foi consultado o Plano Nacional de

Enfrentamento à Violência Contra a Pessoa Idosa; Política Nacional do Idoso (Lei 8.842/94) e o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03).

Especial destaque foi atribuído as 12 sessões de grupo focal (com aproximadamente 15 a 25 participantes) realizadas nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) com idosas que recebiam Benefício Assistenciais e Complementares da Secretaria Municipal da Assistência Social, conforme cadastro do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Significa dizer que os/as idosos/as que participam dos CRAS são predominantemente pessoas de renda baixa. Considera-se que as pesquisas que têm mulheres como informantes já contemplam muitas informações sobre os homens e que, portanto, essas informações podem ser analisadas sem necessariamente gerar a necessidade de incluir análises a partir de depoimentos dos homens.

Em virtude dos impactos gerados pelo fenômeno do envelhecimento populacional e sobretudo da feminização da velhice, faz-se necessário compreender esse processo e o seu significado em nossa sociedade tendo como base a contribuição teórica de vários autores que teorizam sobre a questão do envelhecimento, com foco na feminização da velhice, nas relações de gênero e nas desigualdades sociais, sendo essencial retratar e investigar essas formas de desigualdade, um passo fundamental para enfrentarmos esse problema, constituindo um desafio moral as pessoas que rejeitam e hostilizam os idosos. A violência ainda continua sendo o aspecto de maior preocupação, sendo necessário o desenvolvimento de estudos sobre esse fenômeno, não apenas para denunciar a existência da violência contra a pessoa idosa, mas para reconhecê-la, identificar suas formas e propor modos de intervenção adequada a proteção da vítima.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste momento a quantidade crescente de idosos oferece um momento de publicização das informações produzidas sobre eles, tornando-se um tema obrigatório das pautas da questão social. Ao chegar a velhice os indivíduos enfrentam além de dificuldades físicas e sensoriais decorrentes de problemas de saúde, problemas de adaptação relativos a aspectos sociais, culturais e psíquicos relativos a questão do envelhecimento. A revisão de literatura centrada em autores que teorizam sobre velhice, envelhecimento e gênero, contribuiu para análise e sistematização dos dados.

O estudo realizado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV- Social) demonstra que em 2020 no Brasil a população de idosos corresponde a

14,26% da população, aumento que corresponde a 20% em comparação a 2012. Segundo dados do IBGE a maioria dos idosos são mulheres correspondendo a 7,97% da população brasileira, enquanto os homens representam 6,29%.

Em Sergipe a população de pessoas com 60 anos ou mais corresponde a 11,33%, sendo 6,48% composto por mulheres e 4,88% composto por homens. No estado ainda são escassos os estudos que abordam a questão do envelhecimento, velhice e violência em suas diversas dimensões. Preliminarmente procurou-se caracterizar o perfil dos/as idosos/as identificando-se algumas dimensões desse segmento da população residente em Aracaju, analisando dados do disque 100 e inquéritos policiais oriundos de denúncias contra a pessoa idosa da Delegacia de Grupos Vulneráveis (DAGV). Neste contexto, foram analisados os inquéritos policiais oriundos de 2019 e primeiro semestre de 2020 para traçar o perfil do agressor, do idoso e o tipo de violência cometida. Sobre os casos em 2019 foram instaurados 114 inquéritos, enquanto 2020 registrou 77 denúncias policiais envolvendo idosos, desses 56% se caracterizam como crime de menor potencial, como ofensas verbais, ameaça, danos ou contravenções penais de perturbação do sossego; abuso financeiro, maus tratos e negligência vem logo em seguida. Em relação as principais ocorrências estão os crimes ocorridos no ambiente doméstico tendo as mulheres como as principais vítimas, correspondendo a 70% dos casos.

Paralelamente foram analisadas denúncias de outro canal de comunicação o Disque 100, que surgiu no ano de 2003 inicialmente com um foco no atendimento de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. Em 2010 a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) ampliou o serviço e passou a contemplar os grupos sociais vulneráveis, como os idosos. A plataforma recebe por dia 50 mil ligações. No ano de 2018 houveram 645 ligações correspondentes a violência com idosos do estado de Sergipe, enquanto em 2019 houveram 379 ligações. Os principais tipos de violação foram: violência psicológica, seguido de negligência, violência física e abuso financeiro. Em relação ao agressor 55,40% correspondia aos filhos enquanto 44,6% a algum conhecido, a vítima predominante era do sexo feminino correspondendo a 63,7% enquanto os homens correspondiam a 32,3%.

Conforme Paiva (2011), as idosas são desvalorizadas apenas pelo fato de serem mulheres e velhas, são também as principais vítimas da violência, “[...], a fragilidade e dependência aparecem então como aspectos não só da imagem que se produz dos idosos, mas também da imagem que se produz das mulheres no patriarcado’ (DIAS et al, 2018, p.5),

A VIOLÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES ENVELHECIDAS

O público alvo do atendimento aos CRAS se constitui de famílias, referenciadas, seus membros e indivíduos com demandas decorrentes das expressões da questão social que os colocam em situação de vulnerabilidade social (pobreza, privação, desemprego, violência, fragilização dos vínculos familiares e comunitários) e famílias beneficiárias de programas socioassistenciais. Portanto, a população que é atendida pelo CRAS, normalmente busca os serviços, devido a situação de vulnerabilidade vivenciada com demandas decorrentes da: fome, baixa renda, drogadição, situação de risco pessoal ou estrutural, expressos em violência intrafamiliar, conflitos com os filhos (crianças ou adolescentes) e com a comunidade, bem como porque necessitam de informação e encaminhamento para acessar o Benefício de Prestação Continuada (BPC) de inserir-se no Programa Bolsa Família e ainda por estarem interessados em cursos profissionalizantes, na orientação e informação em relação ao atendimento das políticas públicas. Desse modo, as mulheres idosas participantes das sessões de grupo focal são predominantemente de renda baixa.

Nesse sentido, os resultados informam que as práticas não são homogêneas e nem as formas de vivencia-las, conforme os episódios de violência vividos na especificidade do cotidiano de idosas. As mulheres compõem a maioria da população mundial, no Brasil e nos CRAS e são minoria² em garantia dos direitos básicos por questões étnicas, de origem, por questões financeiras e por questões de gênero, classe, idade geração e sexualidade. Ironicamente, o que chamamos aqui de minorias são, quantitativamente, a maioria da população. Também podem entrar no conceito pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, como idosos e portadores de necessidades especiais.

Em outras palavras, ser velho é uma situação vivida em parte homogeneamente e em parte diferencialmente, de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos em um grupo de idade ou geração. Quando falamos em classe social, não devemos considerar apenas no sentido visto em Marx, o qual pressupõe a existência de uma constante luta de classes com interesses antagônicos na sociedade capitalista (o que não deixa de ser importante). Deve-se falar em classe social em sentido mais amplo, considerando os diversos grupos sociais numa classificação socioeconômica, sua posição ou status na estrutura social, fato que sugere a existência não apenas de duas classes, mas de tantas

² O termo minoria refere-se, na sociologia, a grupos sociais historicamente excluídos do processo de garantia dos direitos básicos por questões étnicas, de origem, por questões financeiras e por questões de gênero e sexualidade.

outras a depender de aspectos como níveis de renda, de escolaridade, de acesso à assistência médica, entre outros fatores. Em outras palavras, devemos pensar a ideia de preconceito de classe social para além da chave burguês/proletário, considerando a existência de classes mais abastadas economicamente (milionários, ricos, classe média alta) e outras com menos recursos (classe média, média baixa, pobres, miseráveis), sendo a renda o fator determinante de sua posição social e, dessa forma, do preconceito de classe.

A violência segundo Minayo (2005) refere-se aos processos e relações sociais interpessoais, de grupos, de classes e de gênero, no qual causa dano físico, mental ou moral. Desde os anos 1990 já se discutia a definição de violência contra o idoso, a Rede Internacional para Prevenção de Maus Tratos Contra o Idoso, que adotou a definição elaborada em 1995 na Inglaterra: “O maltrato ao idoso é um ato (único ou repetido) ou omissão que lhe cause danos ou aflição e que se produz em qualquer relação no qual exista expectativa de confiança.” Ainda segundo Minayo algumas categorias e tipologias são utilizadas para designar as várias formas de violência contra a pessoa idosa:

- Abuso físico ou maus tratos: se refere ao uso da força física para compelir os idosos a fazerem o que não desejam, para feri-los, provocar-lhe dor, incapacidade ou morte.
- Abuso psicológico: corresponde as agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar os idosos, humilha-los, restringir sua liberdade ou isola-los do convívio social.
- Violência sexual: refere-se ao ato ou jogo sexual de caráter homo ou hetero-relacional, utilizando pessoas idosas.
- Abandono: se manifesta pela ausência ou deserção dos responsáveis governamentais institucionais ou familiares de prestarem socorro a uma pessoa idosa que necessite de proteção.
- Negligência: refere-se a recusa ou a omissão de cuidados devidos e necessários aos idosos, por parte dos responsáveis familiares ou institucionais.
- Abuso financeiro ou econômico: consiste na exploração impropria ou ilegal dos idosos ou ao uso não consentido por eles de seus recursos financeiros e patrimoniais.
- Violência social ou emocional: refere-se as agressões verbais, incluindo palavras depreciativas que possam desprestigiar a dignidade, identidade e autoestima. Caracteriza-se pela falta de respeito à intimidade; falta de respeito aos desejos, negação do acesso a amizades, desatenção a necessidades sociais e de saúde.
- Autonegligência: diz respeito a conduta da pessoa idosa que ameaça sua própria saúde ou segurança, pela recusa de prover cuidados necessários a si mesma.

Podemos constatar que a violência contra a pessoa idosa é um problema universal, estudos internacionais apontam que idosos de diferentes classes sociais, etnias e religiões, se encontram vulneráveis aos diversos tipos de violência. “O conflito de interesses

intergeracionais pode levar a pratica da violência contra o idoso, na medida que este é considerado um sujeito improdutivo, dependente e obsoleto do ponto de vista cultural tornando-se um ser marginalizado e excluído [...]” (CASTRO, 2011, p.18). No grupo focal as mulheres idosas participaram com 96% dos relatos comparativamente a 4% de homens do total de integrantes. Os principais tipos de violência relatado se encontram na tabela abaixo:

Tabela 1- Principais tipos de violência relatada:

<i>TIPO DE VIOLÊNCIA</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<i>Violência Social</i>	47	35
<i>Violência Institucional</i>	27	20
<i>Abuso Psicológico</i>	25	19
<i>Abuso físico ou maus tratos</i>	14	10
<i>Negligência</i>	9	7
<i>Violência Patrimonial</i>	9	7
<i>Abandono</i>	2	1
<i>Violência Sexual</i>	1	1
<i>Total</i>	134	100

A questão do desrespeito ao idoso no Brasil deve ser considerada uma patologia cultural, social e política. Em uma tentativa de corrigir e coibir os desmandos sociais e políticos e dar dignidade à pessoa idosa foi instituído o Estatuto do Idoso Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à dignidade, ao respeito e à convivência comunitária. Contudo, a realidade mostra-se bem diferente. A violência social foi a mais relatada entre as idosas, nos espaços públicos idosas vivenciam experiencias de exclusão social, frequentemente enfatizada por ações de pessoas que não respeitam os idosos: “Nós convivemos com a violência em todos os lugares onde vamos. Precisamos ser respeitados, e que as pessoas tenham mais consciência, pois qualquer coisa que falamos as pessoas já vem com agressividade, com stress e com violência.” (Idosa). Ao se expressarem eles vivenciam: “Pelos jovens o respeito é pouco, eu falo uma coisa e ouço tanta barbaridade, eu prefiro ficar calada, não adianta falar.” (Idosa). Os idosos são submetidos a uma visão estereotipada de que resta viver os seus dias de forma submissa, sem o direito de opinar. Segundo Dias et al. (2018)

as mulheres idosas tem a sua autonomia ameaçada e os padrões sociais construídos historicamente impõem um modo submisso e dependente de ser velha.

A **violência institucional** expressa-se nas experiências de atendimento profissional de idosas em instituições de saúde, mediante maus tratos e negligências de funcionários: “Nos postos de saúde quando peço alguma informação, levo o maior coice, agora eu tenho é medo de pedir alguma informação.” (Idosa). “As pessoas que fazem o trabalho como profissional nos postos de saúde tratam a gente mal, principalmente os idosos, falta muita humanidade por parte dos profissionais, nos tratam muito mal.” (Idosa). Sem dúvida alguma, a questão da saúde é muito importante, pois dela decorre o bem estar e condição de vida de qualquer pessoa. Porém idosos/as são bastante negligenciados neste aspecto, pois inexistente uma política social que dê o tratamento necessário aos idosos conforme prevê os arts. 15/19 do estatuto. Via de regra, idosos/as, nesta fase da vida em que necessitam de atenção, são largadas a própria sorte, consideradas um peso social. A violência pode ser perpetuada por diferentes pessoas em diferentes contextos, essas situações estressantes são igualmente relevantes para a perpetuação da violência contra o idoso.

A violência psicológica na família *é perpetuada por pessoas próximas como maridos, filhos, conhecidos, ou por algum familiar*. Os relatos destes episódios ocorrem em razão da idade: “Percebo que recebo tratamento diferenciado somente por ser idosa.” (Idosa). “A violência começa dentro de casa, não só com a violência física, mas também com palavras que doem. O homem quanto mais idoso fica mais denigra a imagem da sua esposa, chamando-a de velha.” (Idosa). “A gente houve coisas absurdas, não é só a violência física, tem palavras que doem mais que um tapa.” (Idosa). **A negligencia emerge nos relatos** praticada por agressores filhos/as. São exemplos: “O filho não faz a janta, não dá a alimentação correta, não dá os medicamentos, um total descaso.” (Idosa). “A minha mãe não tem um filho que ligue para ela, eu preciso fazer tudo sozinha, os meus irmãos só aparecem quando é para falar sobre o dinheiro dela.” (Idosa). Os filhos não tem paciência de cuidar dos pais, quando cuidam é só pelo interesse no dinheiro, são poucos os filhos que sabem valorizar os pais que tem.” (Idosa). O uso de álcool ou de algum tipo de entorpecente pelo agressor que mora com a vítima aumenta o risco de maus-tratos.

O idoso muita das vezes acredita que aquela violência seja normal, frequentemente por vergonha e para proteger a família não efetuam denúncias. Segundo Gondim (2010) o idoso se torna uma vítima fácil, pois muitas vezes depende de seus familiares nos

diversos cuidados, seja na questão da saúde, nas relações sociais, na dependência financeira ou simplesmente pelo afeto e convívio familiar. Percebe-se que viver com os filhos não é garantia de respeito, cuidado adequado e ausência de maus tratos (DEBERT, 1999). Dessa forma, “[...] a violência psicológica, de alguma maneira, mantém a mulher idosa na situação de dependência abusiva, aprisionando-a em sentimentos opostos e, muitas vezes, causando feridas profundas marcadas pela dor e pelo sofrimento.” (PAIVA, 2011, p.46).

A violência física também acontece no âmbito doméstico praticada geralmente por algum familiar conforme exemplos: “Passei muito tempo apanhando do meu marido, já tive que fugir de casa várias vezes, sofri demais, ele morreu faz uns 2 anos e vivo muito melhor agora.” (Idosa.). “O meu marido me judiava muito, eu tive que sair fugida de casa, para ele não me matar, eu tenho várias cicatrizes no corpo por causa dele. Depois que ele morreu eu me senti melhor e vivo bem melhor atualmente”. (Idosa). “Já sofri muito com o meu marido, graças a Deus ele foi embora.” (Idosa). “As mulheres hoje tem mais coragem, na minha época as mulheres sofriam e tinham que aguentar calada, eu mesma já apanhei muito do meu marido e não pude fazer nada.” (Idosa). Conforme aponta Peixoto (1997), a morte do cônjuge pode ser uma tragédia ou uma forma de libertação. Segundo Debert (2001) Os relatos atentam para a violência contra a mulher em especial as que já sofriam violência doméstica antes de envelhecerem.

O lar é o espaço onde mulheres e crianças [assim como os velhos] correm maior risco: “Meu filho me ameaçou colocar no asilo e minha nora é muito bruta.” (Idosa). “A família é a primeira a não aceitar o idoso, ameaçam colocar em asilos.” (Idosa). Para Salgado (2002) a discriminação com a mulher idosa está intimamente ligada ao sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem. Significa dizer que as relações de poder e hierarquia definem lugares, expectativas de papéis sociais.

A violência patrimonial é também observada pelo uso ilegal/impróprio dos bens/ativos, abuso econômico não consentido de recursos financeiros e patrimoniais de idosos, consistindo na exploração, praticada por companheiros, filhos/as e terceiros. Revela-se dentro e pela família, “A filha pega o dinheiro da idosa, deixa ela em um quartinho com tudo sujo, não da alimentação, ameaça a mãe.” (Idosa). “Os filhos pegam os benefícios dos pais, os filhos que são usuários de drogas, ameaçam a mãe e ficam com todo o dinheiro.” (Idosa). “A minha irmã quer tomar a minha pensão. Um dia ela me trancou em casa sozinha isolada, ela quer me judiar, me bater com um pau, não me deixa

sair de casa. Um dia jogou um balde de água quente em mim, me trancou no fundo do quintal, colocou para dormir em um colchão todo sujo.” (Idosa).

Para se protegerem e não verem seus familiares serem punidos, por medo de serem castigados com a perda do acolhimento que por hora recebem, alguns tentam negar os fatos por nutrirem sentimento de afeto pelos seus agressores, outros por vergonha, além daqueles que sofrem maus tratos tão velados que não se dão conta de que estão sendo vítimas de violência. Por isso, as estatísticas sobre a incidência de violência que corresponde a abusos físico e emocional, menosprezos, abandonos, desatenções crime e ausência de direitos sofridos pela pessoa idosa são imprecisas. Nesta direção Dias et al (2018) demonstram que são nas relações intrafamiliares e no espaço de moradia que a violência de gênero contra os idosos acentua-se, partindo do entendimento de que sendo alvo de estereótipos, o idoso é visto como alguém descartável que não merece atenção e nem ser escutado.

A violência nos espaços públicos da sociedade também é sobremaneira relatada os transportes coletivos é o local em que mais ocorre a violência: “Quando tem idosos no ponto, os ônibus não param. Frequentemente eu chego atrasada nos lugares.” (Idosa). A violência vem por parte dos motoristas, cobradores e até mesmo passageiros: No ônibus é várias pessoas jovens que fingem não ver a idosa para não dar lugar.” (Idosa). “Os motoristas deveriam fazer novas aulas de educação; nós que somos idosos, quando subimos no ônibus temos muito trabalho, e se tiver alguém novo no ponto de ônibus, está tudo certo, e os motoristas param. Mas se estivermos sozinhos eles passam direto fingem que não ver, ou quando param é na maior raiva”. (Idosa). “Uma vez subi no ônibus e sentei no banco de trás porquê não tinha outro, antes de eu me sentar ele andou tão rápido que cai e bati a minha costela, passei vários dias com ela doendo.” (Idosa).

Essa breve observação é importante uma vez que podemos encontrar trabalhadores urbanos que, embora sejam todos proletários, por possuírem faixas de renda diferentes, podem manifestar preconceito de classe em relação aos que possuem um status inferior em relação ao poder aquisitivo, seja por ocuparem funções inferiores, seja por terem menor grau de instrução. Naturalmente, a possibilidade do preconceito dos mais ricos (donos de meios de produção, empresários, banqueiros) em relação aos mais pobres estaria mais próxima desse antagonismo de classes tão discutido por Marx. Salgado (2002) acredita que essas atitudes negativas surgem do medo que as gerações jovens têm do envelhecimento.

A velhice não é vivenciada de forma homogênea entre as idosas, sendo vista de forma negativa e positiva. Com relação aos aspectos de positividade algumas idosas caracterizaram o período da velhice como a melhor fase na vida, possibilitando obter maior autonomia. Ou seja, a velhice lhes proporcionou maior participação social, realização de determinadas atividades que não foram concretizadas em outras fases da vida, em virtude das responsabilidades com os filhos, com as atividades domésticas. “Eu vivo bem melhor agora, do que quando era mais jovem, sofri demais com meu marido e agora posso fazer o que eu quiser.” (Idosa) ou “Agora eu posso fazer o que eu quiser, não preciso dar satisfação.” (Idosa). *A velhice também é vista com demissões de negatividade:* “Eu pensava que era a idade da facilidade, mas não é bem assim. Eu passo por situações que eu nunca passei antes, eu nunca sofri nada e estou sofrendo agora, eu ouço cada palavrão, cada palavra e eu ouço tudo calada.” (Idosa) ou “Ser idoso é bom na experiência, mas tem muita falta de respeito” (Idosa). Nota-se que a velhice pode acarretar consequências que permitem inferir que as idosas estão em potencial risco social, com as limitações trazidas pela idade, o preconceito, as carências entre outros problemas (ALMEIDA et al. 2014, 15).

Um ponto homogêneo entre idosos/as é a importância do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, no qual a participação no grupo, muda completamente a vida dessas mulheres, proporcionando um espaço de lazer, socialização, aprendizagem e descontração, em que através das suas atividades consegue preencher pelo menos por um momento o vazio existencial que muitas mulheres idosas enfrentam, a etapa do ninho vazio, quando os filhos ou filhas saem de casa, um período em que muitas mulheres experimentam sentimentos de depressão e de perda. (SALGADO, 2002).

5. CONCLUSÃO

Os episódios de violência caracterizam a naturalização da violência com mulheres idosas como uma construção social que configuram as desigualdades de gênero e patriarcado, influenciando diretamente na aceitação da autoestima/autoimagem de idosas.

Foi possível notar a prevalência das mulheres nos grupos dos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), por ser a mulher o grupo mais vulnerável. Nos foi notória a prevalência da violência social, com maior índice de reclamações as violências sofridas nos transportes coletivos, as queixas que variavam a de ofensas verbais, apelidos depreciativos, tratamento diferenciado em razão da idade, falta de respeito e carinho pelos

mais jovens, dificuldades de locomoção frente as calçadas esburacadas e aos carros que andam em velocidade. Todos esses fatores combinados ou isolados contribuem para a violência psicológica, que afeta diretamente a qualidade de vida dessas mulheres, que muitas vezes podem acarretar problemas mais graves como a depressão.

A violência institucional foi evidenciada por idosos predominantemente por exemplos de reclamações de discriminação nas instituições de saúde, na burocracia, falta de comunicação nos atendimentos reveladores de preconceito, descaso com idosos, falta de vagas, de médicos, longas filas de espera e desrespeito. A vulnerabilidade própria da idade e do lugar social que ocupam torna os pobres as maiores vítimas da violência. Conforme os dados a violência familiar mostrou-se recorrente, no entanto observou-se certa resistência e timidez na expressão dos relatos, significando uma forma de defesa em tornar visível tais episódios. Sendo assim os relatos não representam a dimensão real do problema.

As consequências da violência são várias, geram dor, sofrimento, angustia depressão, traumas e sentimento de culpa, manifestando-se na forma psicológica e econômica, mas também naquilo que ela tem de mais valioso na construção de sua identidade individual. Hoje em todo o mundo e especialmente no Brasil, as mulheres idosas mostram a sua ambição de viver saudavelmente, de participar ativamente da sociedade. Exigindo dessa maneira o reconhecimento deles como um grupo, proteção e espaços de atuação. Envelhecer no Brasil é de fato diferente de envelhecer em outras partes do mundo, sendo um país subdesenvolvido que ainda tem muito o que melhorar, se deparando com esta população específica que está aumentando e que, por sua vez, é vulnerável. Sendo a violência contra a mulher um fenômeno permeado por questões sociais, culturais, educacionais, econômicas e políticas, é necessário que o Estado juntamente com a sociedade civil utilizem estratégias por meio de orientações com vistas à prevenção, assistência, punição e reeducação, a violência contra a mulher idosa é uma expressão tanto das desigualdades de gênero e de geração, quanto dos preconceitos que envolvem a velhice.

O arcabouço normativo atual admite de forma consensual, que os cuidados com os idosos são de responsabilidade conjunta da família, da sociedade e do Estado; assim, revisita-se a centralidade da família, tendo o Estado como apoio. A feminização da violência contra o idosos/as deve ser pensada como forma de enfrentamento, pois esta população possui algumas especificidades que requerem atenção diferenciada. Conforme Azevedo e Tavares (2014) trazem:

Na medida em que as feministas omitem das suas reflexões teóricas a situação das mulheres idosas e ainda ignoram a exclusão das mesmas das políticas públicas destinadas às mulheres, torna-se evidente na atitude das policiais das DEAMs que há uma obediência a orientações tácitas, sustentadas em convenções que consideram a velhice como uma categoria social homogênea, sem sexo. Tais convenções tendem a desclassificar as idosas da condição de mulheres que sofrem as hierarquias e constrangimentos de gênero, inseridos em especificidades criadas pela situação de idade e geração, articuladas com a classe social, a raça/etnia dentre outros marcadores sociais de desigualdades (AZEVEDO, TAVARES, 2014, p. 532).

Entende-se que não se pode discutir essa temática sem considerarmos as configurações familiares contemporâneas, na medida em que a família funciona como mais próxima instituição de apoio e ao mesmo tempo a maior responsável pelos maus tratos. As declarações que remetem ao emprego das políticas públicas, como denunciar à justiça e reivindicar os direitos, questões que estão presentes no estatuto do idoso, mas que são medidas provavelmente pouco conhecidas. Espera-se com os resultados obtidos nesta pesquisa, repassa-los para as instituições executoras de políticas públicas voltadas para este segmento da população.

6. PERSPECTIVAS DE FUTUROS TRABALHOS

Partindo da perspectiva de que os diferentes discursos sobre a velhice são construídos socialmente e que a velhice não é uma categoria natural, mas o resultado de determinadas condições sociais e culturais, a sociedade brasileira e sergipana, precisa se preparar para receber essa população idosa em um futuro cada vez mais próximo, precisa conhecer a complexidade do envelhecimento, que representa um desafio para muitos setores da sociedade, da academia, sociedade civil e de instituições públicas. Preconiza-se assim a continuidade da pesquisa, abrangendo os CRAS de outras regiões do município, possibilitando assim, entendermos as particularidades e demandas específicas desse grupo.

7. REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Eulália Lima. **Violência de gênero na trama geracional**. In: SARDENBERG, Cecília M. B., TAVARES, Márcia S. (orgs.). *Violência de gênero contra as mulheres. Suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. Coleção Bahianas, 19. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 267-292.
- BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v.35, n.4, 2011.
- BRASIL. Constituição (1994). Lei nº 8.842, de 1994. **Política Nacional do Idoso**. Brasília, 2010.
- BEAUVOIR, Simone. Da maturidade à velhice. In: _____. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Volume 2.
- BOURDIEU, Pierre. A Juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questão de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121
- BRASIL. Constituição (2003). Lei nº 10.741, de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília, 2017.
- BRASIL. Subsecretaria de Direitos Humanos. Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência Contra a Pessoa Idosa. Direitos Humanos e Cidadania, v.1, Brasília, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Disque 100. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/disque-100-1>>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, UNICAMP, Campinas, n. 13, p.191-221, 1999. (Dossiê Gênero em Gerações). <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/n13a07.pdf> Acesso em 11 mar. 2020.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. **Violência contra as mulheres idosas** – questão de gênero ou de gerações? III Seminário Políticas Sociais e Cidadania. Salvador, 2010. Disponível em http://www.interativadesignba.com.br/III_SPSC/arquivos/sessao8/225.pdf Acesso em 11 maio. 2020.
- CARNEIRO, Silvana de Pontes; SCHIMANSKI, Édina. Violência contra a pessoa idosa: uma questão de gênero? *UEPG Ci. Soc. Apl.*, Ponta Grossa, **22** (2), p. 167- 177, jul./dez. 2014. Disponível em <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais> Acesso em 28 abr. 2017.
- CASTRO, M.L.D. **A FEMINIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA O IDOSO**. 2015. 34 f. Dissertação (Grau de especialista em Psicologia Jurídica) - Faculdade Integrada-AVM, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2015.
- CRUZ, Maria Helena Santana. A Crítica Feminista à Ciência e Contribuição à Pesquisa nas Ciências Humanas. Dossiê Gênero e Educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão /SE, Editora UFS, v. 12, p. 15-27, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3460>

DEBERT, Guita Grin. A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro. Interseções. In: **Revista de Estudos Interdisciplinares**, UERJ, R.J., ano 3, n. 2. jul/dez 2001.

DENZIN, Norman K.; et all. **O planejamento da pesquisa qualitativa. Teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DIAS, Marly de Jesus Sá, et al. Violência simbólica contra mulher idosa nas relações de gênero. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, São Luís, v. 4, nº especial, 2018.

Fundação Getúlio Vargas. **Brasileiros com 65 anos ou mais são 10,53% da população**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-04/brasileiros-com-65-anos-ou-mais-sao-10-53-da-populacao-diz-FGV>>. Acesso em: 25 jun.2020.

GONDIM, Lilian Virginia Carneiro. **Violência Intrafamiliar Contra o Idosos**: uma preocupação social e jurídica. 2010. Disponível em: <http://tmp.mpce.mp.br/esmp/publicacoes/edi002_2011/artigos/04-Violencia.Intrafamiliar.Contra.o.Idoso.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

GIDDENS, A. **As Transformações da Intimidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

IBGE. Instituto de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html?utm_source=portal&utm_medium=popclock&utm_campaign=novo_popclock>. Acesso em: 20 jun.2020.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000**, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Brasil. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 20 jun. 2020.

Ministério da Mulher, da família e dos direitos humanos. Disque 100: geral de denúncias. Período: 2012-2019.

MDS. Ministério do Desenvolvimento Social. O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos- SCFV. 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MINAYO, Maria Cecília. Violência Contra o Idoso: o avesso do respeito a experiência a sabedoria. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Brasília, 2º edição, 2005
Organização das Nações Unidas. Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento. Brasília. Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2013.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa**: Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisa em Administração, São Paulo, v. 1, n.3, 1996.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Resumo**: Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde.2015.Disponível em:

<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Estudo da OIT mostra falta de progresso na igualdade de gênero no mercado de trabalho**. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/01/1700382#:~:text=Ag%C3%Aancia%20da%20ONU%20analisou%20os,inexistente%20nas%20%C3%BAltimas%20duas%20d%C3%A9cadadas.&text=A%20ag%C3%Aancia%20da%20ONU%20analisou,salarial%20m%C3%A9dia%20%C3%A9%20de%2014%25>>. Acesso em: 20 jun.2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento, 2002**. Tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2003. (Série Institucional em Direitos Humanos, v. 1).

PAIVA, Mayara Luzia Damasceno. **Violência Psicológica Contra a Mulher Idosa no Âmbito Intrafamiliar**. Monografia (obtenção do título de Bacharel em Serviço Social). Faculdade Cearense, Centro de Ensino Superior do Ceará, Fortaleza, 2014.

PEIXOTO, C. E. **Avós e netos na França e no Brasil**: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: CICCHELLI, V. (Org.) *Família e Individualização*. R.J.: FGV, 2000.

SALGADO, CARMEM D.S. **MULHER IDOSA**: a feminização da velhice. *Estudo interdisciplinar. Envelhecimento, Porto Alegre*, v. 4, p. 7-19, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Contribuições Feministas para o estudo da Violência de Gênero**. Cadernos Pagu (16) 2001: pp. 115-136. Disponível em:<www.pagu.unicamp.br>. Acesso em: 13 Mai. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth, I. O. **Violência de gênero**: o lugar da práxis na construção da subjetividade. *Lutas Sociais*. Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS).Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC, n. 2, 1997.

SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: < http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Jean_Scott-Experiencia.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020. p. 1-23.

SEDS. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. **A pessoa idosa no Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/brasil-amigo-da-pessoa-idosa/estrategia-1#:~:text=O%20avan%C3%A7o%20dos%20n%C3%BAmeros%20ultrapassou,30%2C3%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas.>>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVEIRA, Luciana. **Velhice e Gênero**: a violência familiar contra a mulher idosa em Vitória – ES. XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371336400_ARQUIVO_trabalhoanpuhLucianaSilveira.pdf> Acesso em: 20 jun.2020.

SILVEIRA, Luciana; NADER, Maria Beatriz. **Histórias de Vida de Mulheres Idosas em Situação de Violência**: uma perspectiva de gênero e de geração. 30º Simpósio Nacional de História, Recife, 2019.

SILVEIRA, Luciana. **Violência geracional contra mulheres idosas**: o caso de Vitória – ES. ANAIS DO ENCONTRO NACIONAL DO GT-GÊNERO/ANPUH, Vitoria, 2013.

SOUZA, Maria Danielle Cristina Moraes; COSTA, Priscila de Almeida; CAVALCANTI, Patrícia Barreto. **FEMINIZAÇÃO DA VELHICE**: UM ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A MULHER IDOSA. Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, Paraiba, p.1-11, 2015.

SOUSA, A. I.; SILVER, L. D. Perfil sociodemográfico e estado de saúde autorreferido entre idosas. **Esc. Anna Nery Ver. Enferm**, v. 12, nº. 4, p. 706-716, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v12n4/v12n4a15.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

8. OUTRAS ATIVIDADES

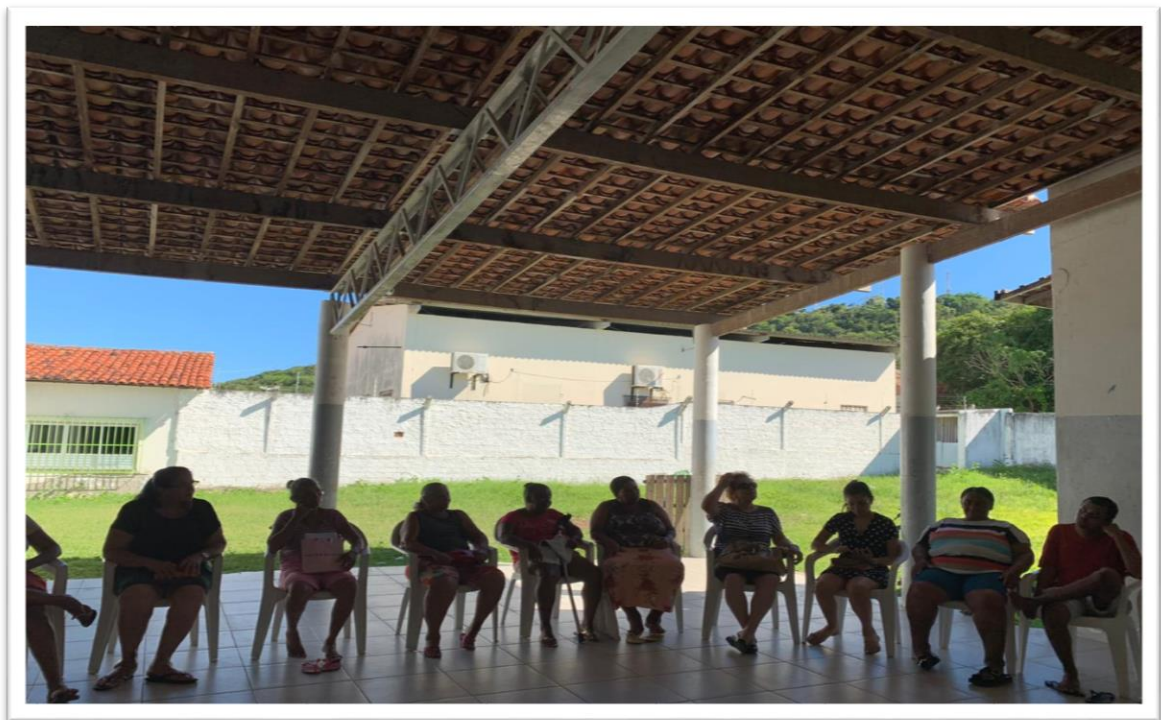
Em razão da pandemia da Covid-19, as atividades tiveram que ser realizadas a distância. Foram utilizadas ferramentas digitais. Houve a participação de eventos e palestras realizadas por meio de “lives” ou de forma EAD, como eventos sobre feminismo e relações de gênero. Como também orientações referentes ao relatório final, por meio do email e WhatsApp.

9. APÊNDICES

9.1.Fotos dos Encontros







9.2.Roteiro Utilizado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE **TÍTULO DO PROJETO: EXPRESSÕES DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO:** **RELATOS ORAIS DE IDOSOS/AS EM ARACAJU**

OBJETIVO: tornar visível as lógicas/motivações presentes na violência de gênero praticada contra idosos/as, atos da violência doméstica, aspectos específicos e universais vivenciados por este grupo populacional no cotidiano das relações familiares, acentuadas gradativamente nos dias atuais em Aracaju (SE). O número de idosos que sofrem algum tipo de abuso é tão grande que esse caso já se tornou um problema de saúde pública.

Plano para desenvolvimento do grupo focal - O grupo focal consiste em uma técnica de pesquisa que utiliza materiais de estímulo, comumente dinâmicas, para fomentar e sustentar discussões em grupo, que permitam o intercâmbio de saberes e experiências entre os participantes. Nesse sentido, serão realizadas, inicialmente, perguntas genéricas e, a seguir, elas serão aprofundadas, direcionando para o foco do estudo. Será preservada a identidade dos/as participantes, identificadas conforme sistema alfanumérico, utilizando letras = “M”.

TEMAS PARA DEBATE NO GRUPO:

- PERCEPÇÕES DE IDOSOS ACERCA do que seja violência
- IDENTIFICAR EPISÓDIOS DE VIOLÊNCIA (observados e vivenciados na convivência social – com vizinhos...e outros).
- VIOLÊNCIA SOCIAL – (agressão a população acima de 60 anos vem de diversas formas, a falta de carinho, atenção, pressão psicológica, descaso e a agressão física propriamente dita, que muitas vezes passam despercebidas).
- Falta de civilidade na convivência coletiva, por parte de seus moradores;
- VIOLÊNCIA COM USUÁRIOS/AS DE TRANSPORTES COLETIVOS – desrespeito legislação de assento prioritário a população idosa. Com MOTORISTAS – desrespeito de motoristas, cobradores de empresas dos transportes coletivos.
- VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL – inadequação física das unidades de saúde onde são assistidos, tratamento dispensados a idosos pelos funcionários e profissionais de saúde.
- falta de infraestrutura da cidade, calçadas vias adequadas, estacionamentos.
- VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR / VIOLÊNCIA DOMÉSTICA - *violência contra os idosos praticada por familiares ou cuidadores.*
- VIOLÊNCIA PATRIMONIAL
- Autonegligência ou a violência auto infligida, comportamento suicida e às diversas formas de automutilação;
- Reação dos idosos em relação à violência – não tomar nenhuma atitude, externar, mas de forma tímida e com curiosidade, frente à violência urbana.
- ESTRATÉGIAS ADOTADAS – para ampliar a possibilidade de sobrevivência de um vínculo familiar e Inter geracional proveitoso para todos.